

SOBREPOVOAMENTO E ESTRUTURA URBANA *

*Armando Corrêa da Silva ***

Os estudos de povoamento constituem uma preocupação antiga em Geografia. Não obstante, têm sido economistas os que mais desenvolveram a parte teórica (GONNARD, 1969).

Em razão, talvez, das polêmicas suscitadas pelas teorias de população, particularmente a partir de Malthus, poucos são os trabalhos de geógrafos que se dedicam a este aspecto da questão.

Por outro lado, a limitação da análise geográfica ao nível da tipologia não fez avançar o assunto. Não se abandona o nível empírico.

Levantamento bibliográfico sumário realizado, constante desta comunicação, mostrou a existência de muitos trabalhos em demografia e, em menor proporção, a elaboração de tipologias. Neste último caso, são importantes as de Max. Sorre e Pierre George. Mas se referem principalmente às migrações, que são causas e não o próprio povoamento.

Essas contribuições demográficas e tipológicas não são tratadas ao nível de conceitos e categorias de explicação geográfica em muitos casos, o que acentua o aspecto descritivo clássico da Geografia.

O povoamento tem sido proposto, no mais das vezes, como a ocupação efetiva de um território, considerado este ora como um "quadro natural", ora como a "terra".

Pierre George, por exemplo, propõe que "em nível de vida ascendente, o acréscimo populacional num determinado quadro natural é função das qualidades de organização do grupo humano para criar recursos distribuíveis" (GEORGE, 1955:63).

* Comunicação apresentada ao 2º Encontro Nacional de Geógrafos realizado em Belo Horizonte, de 8 a 12 de julho de 1976.

** Professor do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Na definição é mantida a relação população-recursos, já observada desde o século XV (GONNARD, 1969).

Wilbur Zelinsky, tratando do "Equilíbrio de Pessoas e Recursos", afirma que "os padrões de ocupação da terra muito variáveis, a localização e a densidade dos habitantes e a intensidade com que eles exploram o meio em que vivem são, em escala significativa, expressões dos atributos físicos da localidade e dos recursos ali disponíveis" (ZELINSKY, 1969:156).

Da mesma forma, refere-se à relação população-recursos.

Não cabe aqui a discussão de ambas as proposições nem o seu confronto com as teorias malthusianas ou neomalthusianas. Basta considerar que ambas as formulações são diferentes destas. A primeira quando afirma que os recursos são função do grupo humano e não o contrário, e a segunda quando propõe que a localização e densidade dos habitantes são função dos atributos físicos e recursos, neste caso não se tirando nenhuma consequência da premissa.

Nesta comunicação, as migrações, que geralmente são consideradas juntamente com o povoamento, são tidas como consistindo numa modalidade particular de causa de povoamento. Elas têm sido amplamente pesquisadas por geógrafos e não-geógrafos.

Edwin Fels considera-as como "deslocamentos repentinos de população" com origem em várias causas, destacando os processos econômicos. Nesta ordem de considerações, exemplifica com espaços ganhos (Holanda, Itália, Estados Unidos) e espaços abandonados após sua utilização, como no caso da mineração (Califórnia, Alasca, Austrália) (FELS, 1955:246/7).

Neste trabalho, esse sentido de deslocamento repentino é afirmado e confirmado a partir dos dados da situação pesquisada.

Pierre George, falando de deslocamentos populacionais, considera que, "se a mobilidade da população é um facto permanente, se as deslocamentos aparentes resultam da rotura dos equilíbrios provisórios entre impulsos e inibições, a natureza das deslocamentos populacionais define-se por um conjunto de conjunturas que conferem a cada migração o seu carácter histórico" (GEORGE, 1955:216).

Na pesquisa referida, também este aspecto foi observado, embora as causas não sejam apenas conjunturais.

Contudo, considerou-se, em geral, com poucas exceções (LAUDRY, 1945; LEE, 1965; BOGUE, 1969, TREWARTHA, 1974, en-

tre outros), que o estudo das migrações deve centrar-se na mobilidade cidade—campo ou na direção metrópoles—colônias. É esse o tratamento que receberam, quase sempre, as migrações internas e as migrações externas. As internas, do primeiro tipo, e as externas, do segundo, embora esse conteúdo nem sempre esteja explicitado.

No caso das migrações internas, que interessam a esta comunicação, já se estudou, além da mobilidade cidade—campo, em suas várias modalidades, também os fenômenos interurbanos e intra-urbanos de distribuição, substituição e redistribuição de população. Não obstante, não se considerou os efeitos de povoamento resultantes.

É o caso, por exemplo, de Trewartha. Diz ele: “Mas, como já foi visto, a migração age seletivamente, e no caso suposto da movimentação de 1000 pessoas de A para B, isto acarretará, provavelmente, mudanças na estrutura etária e na distribuição por sexo das populações, nas condições sociais e econômicas de ambas as regiões, o que, por seu turno, influenciará a futura população de cada uma” (TREWARTHA, 1974:169).

Apenas é indicada a consequência, que não é tratada mesmo ao nível da tipologia.

O autor desta comunicação propõe denominar *sobrepovoamento urbano* — um caso particular do sobrepovoamento em geral — o resultado do processo de migração cidade—cidade, a partir de uma área urbana populosa para outra área urbana de menor expressão populacional, sem que haja o abandono desta por parte dos então residentes fixos.

A população recém-vinda instala-se em seu novo *habitat* urbano, em período de tempo curto, modifica-o e passa a redefinir a estrutura urbana, do que resulta uma nova organização interna e externa das cidades pré-existentes, com consequências econômicas, sociais, políticas e culturais.

O fenômeno foi verificado como decorrência de estudo realizado no litoral norte do Estado de São Paulo, a costa norte paulista (IBGE, 1967), considerada área de influência da região de São Paulo (CORREIA DA SILVA, 1975).

A antiga cidade de São Paulo transformou-se na atual metrópole (LANGENBUCH, 1971). As repercussões desse fenômeno alcançaram rapidamente as regiões vizinhas, notando-se o crescimento das áreas urbanas periféricas, até então isoladas e/ou marginais, que passaram à condição de complementares.

Até a década de 30 predominou no litoral norte do Estado de São Paulo um padrão de ocupação do espaço apoiado numa estrutura rural de latifúndios e minifúndios. Os latifúndios, dadas as características específicas da área, apresentaram-se sob a forma de grandes propriedades de pouca utilização efetiva. Os minifúndios constituíram a forma particular de organização da vida caíçara. A configuração topográfica local — a sucessão de pequenas praias e planícies costeiras de sedimentação predominantemente marinha — distribuiu o *habitat* dispersamente.

Ao redor das pequenas cidades do litoral — de origem vicentina colonial — existiam algumas chácaras que proviam a população de alguns gêneros alimentícios e frutas. O comércio local recebia de Santos o complemento da dieta alimentar, além de artigos manufaturados, e remetia para aquela praça comercial a aguardente e a banana.

Ainda na década de 40, escrevia Ary França: “Em oposição, portanto, à atividade característica das frentes atuais de povoamento do planalto, o litoral é a mais estagnada das regiões paulistas, sem fontes econômicas próprias, financeiramente deficitário e demograficamente desfalcado, como tem sido acentuado várias vezes” (FRANÇA, 1951:12).

Em 1939 foi completada a construção da ligação rodoviária ao planalto, em São José dos Campos, no Vale do Paraíba Paulista. Em 1942 seria terminada a construção do atual porto comercial.

Não ocorrendo o desenvolvimento do porto como se havia previsto, a região continuou estagnada. Foi construído, contudo, o primeiro avanço da fronteira econômica paulistana. É preciso ter em mente que São Paulo era então considerada como um centro comercial (SANTOS, 1925).

O fluxo turístico iniciou-se em 1951, e com ele um intenso processo de urbanização da região. Foi o que deu origem ao crescimento atual, acentuado a partir de 1964 com a instalação em São Sebastião da CONFRIQ, empresa industrial de pesca, e do terminal de petróleo da PETROBRÁS, que, iniciado em 1961, passou a operar a partir de 1969.

Em 1961 a rodovia estadual São José dos Campos—Litoral recebeu o primeiro revestimento de asfalto. Atualmente está totalmente remodelada.

O surto de crescimento da região atraiu população do planalto, principalmente da cidade de São Paulo e das cidades do Vale do Paraíba Paulista.

Para a cidade de São Sebastião, em amostragem realizada em 1970, verificou-se que 62,0% do total das pessoas não nasceram na cidade. 54,1% das famílias só residiam ali havia 10 anos e 65,4% havia 20 anos.

Para a cidade de Ilhabela, por amostragem realizada em 1972, verificou-se que 26,8% do total das pessoas não nasceram na cidade. 23,1% das famílias só residiam ali havia 10 anos e 34,6% havia 20 anos.

Para a cidade de Caraguatatuba, por amostragem realizada em 1971, verificou-se que 57,0% do total das pessoas não nasceram na cidade. 43,1% das famílias residiam ali havia 10 anos e 56,3% havia 20 anos.

Para a cidade de Ubatuba, por amostragem realizada em 1972, 40,5% do total das pessoas não nasceram na cidade. 32,2% das famílias só residiam ali havia 10 anos e 43,0% havia 20 anos.

No total, 46,6% das pessoas não nasceram no litoral norte. 38,1% das famílias só residiam ali havia 10 anos e 49,8% havia apenas 20 anos.

A procedência urbana do total da população do litoral norte na época da pesquisa apresentou um índice de 74,4%.

A procedência regional próxima apresentou-se como segue: Grande São Paulo com 28,80%; Vale do Paraíba Paulista com 23,25%; Baixada Santista e litoral sul com 17,52%; litoral norte com 12,90%; sul de Minas Gerais com 3,35%; Guanabara com 3,03% e outros com 11,15%. A Grande São Paulo e as cidades do Vale do Paraíba Paulista abrangem 52,05% do total.

Essa população dirigiu-se ao litoral buscando nova residência pelas seguintes razões declaradas:

razões de serviços	396	34,8%
melhores condições de vida	270	23,7%
razões de família	104	9,1%
negócios	91	8,0%
beleza natural (repouso)	84	7,4%
razões de saúde	75	6,6%
casamento	67	5,9%
aposentadoria	26	2,3%
retorno	25	2,2%
totais	1.138	100,0%

As razões econômicas (serviços, condições de vida e negócios) abrangem 66,5% dos casos.

Quais as conseqüências para a estrutura urbana?¹

Juergen R. Langenbuch, embora não definindo a estrutura urbana, considerou-a como um conjunto de partes funcionais (núcleo de urbanização compacta e contínua, cinturão de urbanização intercalar, eixos de urbanização em colar e cinturão suburbano periférico) delimitado (aglomeração: aglomeração restrita, área metropolitana e região metropolitana) (LANGENBUCH, 1971:260/332).

Embora o exemplo seja a metrópole de São Paulo, indica ele certos elementos gerais que podem ser extrapolados para outras situações urbanas como aquelas que são objeto desta comunicação. O pressuposto é o de que as pequenas e as médias cidades tendem a reproduzir morfologicamente as grandes, a partir de um certo momento de existência e formação da rede urbana.

A urbanização nas sedes municipais do litoral norte do Estado de São Paulo, medida geograficamente através do registro das plantas de construção, reconstrução e reformas de imóveis, indicou a seguinte evolução:

Em São Sebastião passou-se de 34 registros em 1950 para 157 em 1960 e 647 em 1969, representando um índice de aumento de 462% de 1950 para 1960 e de 412% de 1960 para 1969.

Em Ilhabela passou-se de 36 registros em 1950 para 195 em 1960 e para 345 em 1970, representando um aumento de 542% de 1946 para 1960 e de 177% de 1960 para 1970. Foi onde o aumento foi menor na última década considerada.

Em Caraguatatuba passou-se de 4 registros em 1953 para 308 em 1960 e 1754 em 1969, representando um índice de aumento de 7700% de 1953 a 1960 e de 569% de 1960 a 1969.

Em Ubatuba passou-se de 62 registros em 1950 para 223 em 1960 e 1058 em 1971, representando um índice de aumento de 360% de 1944 a 1960 e de 474% de 1960 a 1971.

Não foi calculado o total porque não teria significado lógico para este trabalho, uma vez que, dadas as características específicas

¹ São indicados apenas alguns aspectos da urbanização e de seus efeitos: evolução, aumento do espaço ocupado, condições dos imóveis existentes e situação do comércio.

do litoral norte, com o turismo também se verificou a urbanização ao longo das praias, em cada caso por razões próprias, apesar do caráter geral do fenômeno.

Dessa urbanização decorreram modificações no espaço urbano ocupado.

“O sítio urbano das quatro sedes municipais do litoral norte do Estado de São Paulo é constituído por planícies de sedimentação marinha recente, de modo geral comprimidas entre a escarpa da serra do Mar e o oceano Atlântico. A ocupação de morros e vertentes está ainda no início, sendo a sucessão de praias o fator predominante na orientação da urbanização.

“São Sebastião e Ilhabela encontraram dificuldade para a expansão de seus núcleos urbanos e ela passou a ocorrer nas pequenas áreas planas de sedimentação marinha e fluvial recente que se sucedem na costa com suas praias separadas por promontórios ou pequenos maciços insulares, definindo um fenômeno de dispersão física.

“Caraguatatuba e Ubatuba encontraram condições mais favoráveis à expansão urbana e desde o advento da atividade turística cresceram mais do que as duas primeiras, definindo núcleos com possibilidade de expansão ainda maior.

“Caraguatatuba soube aproveitar as condições de entroncamento rodoviário e se tornou a ‘capital regional urbana’ do litoral norte.

“As atividades econômicas relacionadas ao turismo e à urbanização foram orientadas em direção ao aproveitamento das praias e dos recursos do mar. As atividades portuárias, turísticas e industriais são recentes e constituem uma forma de organização do espaço aparentemente incompatível: turismo e industrialização. Esta definiu-se com maior força em São Sebastião e Ubatuba, seguidas de Caraguatatuba e Ilhabela, onde é quase nula. Neste sentido, São Sebastião é hoje a ‘capital econômica’ da micro-região homogênea².

“No seu conjunto, o processo de organização do espaço está relacionado ao aproveitamento das planícies costeiras situadas nas baixadas litorâneas tropicais úmidas, numa unidade natural individualizada do litoral paulista que é o seu litoral norte. Trata-se de uma região

2 As expressões “capital urbana” e “capital econômica” são usadas aqui por analogia com as situações onde isto de fato ocorre regionalmente. Na verdade, nem Caraguatatuba nem São Sebastião apresentam o fenômeno com expressão suficiente para a definição.

ocupada secularmente e que guarda ainda vestígios do passado colonial, particularmente Ubatuba, Ilhabela e São Sebastião.

“Um novo tipo de espaço geo-econômico definiu-se na região relacionado à economia de mercado que fez com que se desorganizasse e esteja em vias de desaparecimento o espaço de economia fechada tradicional do gênero de vida caiçara” (CORRÊA DA SILVA, 1975:69/70).

Como efeito desse processo de urbanização e ampliação do espaço ocupado — não consideradas outras causas — a condição dos imóveis existentes passou a ser a seguinte: as habitações eram 90,6% térreas, 6,5% habitações rústicas e barracos, 1,1% sobrados e 1,8% edifícios de até quatro pavimentos. Essas habitações eram 60,8% próprias, 27,2% alugadas e 12,0% cedidas.

Entre as modificações internas ocorridas nessas cidades do litoral norte do Estado de São Paulo está a transformação da estrutura do comércio local. Muito restrito no passado, ampliou-se bastante, desenvolvendo uma dupla função: atender à população fixa e ao turismo.

“O atual comércio de São Sebastião foi organizado principalmente na década de 60 e nos últimos 3 anos, embora uma das firmas pertença aos mesmos donos há duas gerações, tendo sido fundada em 1914, e pertence aos atuais proprietários desde 1943. Há dois casos de firmas, fundadas uma em 1953 e outra em 1955, sendo que ambas continuam com os atuais proprietários. Todas as demais iniciaram suas atividades a partir de 1960. A amostra abrangeu 49 estabelecimentos, correspondendo a 49,4% do total, sendo o levantamento realizado em 1973” (CORRÊA DA SILVA, 1975:172).

Os dados indicam que o comércio atual de São Sebastião já não tem quase nenhuma relação com o antigo comércio local que existiu desde o início deste século até a década de 40, quando desenvolvia uma função restrita de apoio a uma situação predominantemente rural de vida regional. Estas observações são válidas também para as outras cidades.

“O atual comércio de Ilhabela foi organizado principalmente na década de 60. Algumas firmas são anteriores a esse período. A mais antiga foi fundada em 1949, e das outras duas, uma em 1952 e outra em 1958. A amostra abrangeu 18 estabelecimentos, correspondendo a 30,5% do total” (idem, p. 176).

“O atual comércio de Caraguatatuba foi organizado principalmente na década de 60 e nos últimos 3 anos, embora uma parte das

firmas tenha origem anterior. A mais antiga foi fundada em 1923. Há uma de 1933. Cinco de 1943. Seguem-se duas em 1948, uma em 1949, quatro em 1953, uma em 1956, três em 1958 e uma em 1959. Todas as demais iniciaram suas atividades em 1960, num total de 66. A amostra abrangeu 85 estabelecimentos, correspondendo a 50,9% do total" (idem, p. 179).

"O atual comércio de Ubatuba foi organizado principalmente na década de 60 e nos últimos 4 anos, embora uma parte das firmas tenha origem anterior. As mais antigas datam de 1940, 1941, 1945, 1948, 1950, 1951, 1953, 1955, 1958 e 1959, num total de 14. A partir de 1960 surgiram 46. A amostra abrangeu 60 estabelecimentos, correspondendo a 54,0% do total" (idem, p. 182).

As considerações feitas até aqui, assim como os dados da situação estudada, orientaram o autor na tentativa de definir e compreender o fenômeno do sobrepovoamento urbano e algumas conseqüências sobre a estrutura urbana.

Do que foi visto pode-se deduzir o seguinte:

A ocupação de um território já ocupado é uma sobreocupação. O sobrepovoamento urbano é um caso particular do sobrepovoamento em geral, mantidas as características já definidas.

Ele significa também a redefinição cultural e civilizatória do meio geográfico com a modificação da vida de relações, ocorrendo simultaneamente uma reavaliação e aproveitamento do meio natural.

Sendo o Sudeste brasileiro a região que tem recebido maior contingente migratório, como explicar esse movimento de população?

Trata-se de um processo de crescimento urbano local ou de um efeito da metropolização?

O autor trabalhou com a segunda hipótese. Seria conveniente verificá-la em outras regiões do Sudeste.

No caso particular estudado, chegou-se à conclusão de que, iniciada talvez de maneira espontânea, sob a forma de um processo de repovoamento, numa região que anteriormente perdera população, hoje a procura do litoral norte parece significar uma opção deliberada de busca ao direito ao espaço, que ocorreu em área já povoada, verificando-se, então, o sobrepovoamento.

Neste caso, conviria verificar a possível modificação do padrão urbano, o que também se tentou fazer nesta comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BOGUE, D. J. (1969) — *Principles of demography*. New York, John Wiley and Sons Inc.
- CORREIA DA SILVA, A. (1975) — *O litoral norte do Estado de São Paulo. (formação de uma região periférica)*. São Paulo, Edição do Autor.
- FELS, E. (1955) — *El hombre economizante como estructurador de la Tierra*. Barcelona, Ed. Omega S.A.
- FRANÇA, A. (1951) — *A ilha de São Sebastião*. São Paulo, Ind. Gráfica José Magalhães.
- GEORGE, P. (1955) — *Introduction à l'étude géographique de la population du monde*. In: Panorama da Geografia, vol. III, Livro Quatro: Demografia. Lisboa, Ed. Cosmos.
- GONNARD, R. (1969) — *Historia de las doctrinas de la población*. Santiago (Chile), Centro Latino-Americano de Demografia.
- IBGE (1967) — *Esboço preliminar de divisão do Brasil nas chamadas Regiões Homogêneas*. Rio de Janeiro, IBGE.
- LANGENBUCH, J. R. (1971) — *A estruturação da Grande São Paulo*. Rio de Janeiro, IBGE.
- LAUDRY, A. (1945) — *Traité de démographie*. Paris, Payot.
- LEE, E. S. (1965) — *Migração interna e redistribuição de população nos Estados Unidos*. In: Panorama da População Mundial, São Paulo, Ed. Fundo de Cultura.
- SANTOS, G. R. dos (1925) — *Exposição de motivos ao presidente do Estado*. In: A Capital. São Paulo.
- TREWARTHA, G. T. (1974) — *Geografia da população (padrão mundial)*. São Paulo, Ed. Atlas S.A.
- ZELINSKY, W. (1969) — *Introdução à geografia da população*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABREU, A. A. de (1971) — *A Colonização Agrícola Holandesa no Estado de São Paulo. Holambra I*. São Paulo, Instituto de Geografia da USP.
- BEAUJEU-GARNIER, J. (1971) — *Geografia da População*. São Paulo, Companhia Editora Nacional-Editora da USP.
- (1965) — *Trois Milliards d'Hommes*. Paris, Librairie Hachette.
- BELTRAMONE, A. (1966) — *La Mobilité Géographique d'une Population*. Paris, Gauthier-Villens Ed.
- BERELSON, B. (1972) — *População — A crise que desafia o mundo*. São Paulo, Editora Cultrix.

- BOUGHEY, A. S. (1973) — *Ecology of Populations*. New York, The MacMillan Company; London, Collier-MacMillan Publishers.
- BOURGEOIS-PICHAT, J. (1970) — *A Demografia*. Lisboa, Livraria Bertrand.
- BOUTHOU, G. (1935) — *La Population dans le Monde*. Paris, Payot.
 — (1964) — *La Surpopulation*. Paris, Payot.
- CARR-SAUNDERS, M. (1939) — *Población Mundial*. México, Fondo de Cultura Económica.
- CHANDRASEKAR, S. (1954) — *Hungry People and Empty Lands*. London, George Allen & Unwin Ltd.
- CHEVALIER, L. (1951) — *Démographie Générale*. Paris.
- CITROEN, H. A. (1948) — *Les Migrations Internationelles*. Paris, Librairie de Médecis.
- COALE, A. J. & HOOVER, E. M. (1966) — *População e Desenvolvimento Económico*. São Paulo, Editora Fundo de Cultura.
- COX, P. R. (1950) — *Demography*. Cambridge, Cambridge University Press.
- DARIC, J. (1948) — *Vieillessement de la Population et Prolongation de la Vie Active*. Paris, PUF.
- DIVERSOS (1965) — *Panorama da População Mundial*. São Paulo, Editora Fundo de Cultura.
- DOLLOT, L. (1949) — *Les Grandes Migrations Humaines*. Paris, PUF.
- FREEDMAN, R. (1966) — *La Revolución Demográfica Mundial*. México, Unión Tipográfica Editorial Hispano Americana. (Copilación).
- GALLO, J. I. H. (1968) — *El Mito de la Explosión Demográfica*. Buenos Aires, Joaquim Almendras Ed.
- GEORGE, P. (1952) — *Étude sur les Migrations de Population*. Paris, Centre de Documentation Universitaire, Sorbonne.
 — (1951) — *Introduction a l'étude Géographique de la Population du Monde*. Paris, PUF.
 — (1970) — *Panorama do Mundo Atual*. São Paulo, DIFEL.
 — (1972) — *Population et Peuplement*. Paris, PUF.
 — (1959) — *Questions de Géographie de la Population*. Paris, PUF.
- GINI, C. (1963) — *Esquemas Teóricos y Problemas Concretos de la Población*. Madrid, Aguilar.
- GINI, C. et alii (1930) — *Population*. Chicago, The University of Chicago Press.
- HENRY, L. (1972) — *Démographie — Analyse et Modèles*. Paris, Librairie Larousse.
- ISAAC, J. (1947) — *Economics of Migration*. London, Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltd.
- MYRDAL, A. & VINCENT, P. (1950) — *Sommes-Nous Trop Nombreux?* Paris, Dunod.
- MOUCHEZ, P. (1966) — *Demografia*. Barcelona, Ed. Ariel.
- OCHOA, J. D. (1955) — *Población*. México, Fondo de Cultura Económica.
- PETERSEN, W. (1968) — *La Población*. Madrid, Ed. Tecnos S. A.

- (1972) — *Readings in Population*. New York, The MacMillan Company; London, Collier-MacMillan Ltd.
- PRESSAT, R. (1961) — *L'Analyse Démographique*. Paris, PUF.
- SAUVY, A. (s/d.) — *A População*. Rio de Janeiro, Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil.
- (1961) — *El Problema de la Población en el Mundo*. Madrid, Aguilar.
- (1948) — *La Population, ses lois, ses équilibres*. Paris, PUF.
- (1952) — *Théorie Générale de la Population*. Paris, PUF.
- SMITH, R. L. (1950) — *Introdução à Análise das Populações*. Rio de Janeiro, Faculdade Nacional de Filosofia, UB.
- SORRE, M. (1955) — *Les Migrations de Peuples. Essai sur la Mobilité Géographique*. Paris, Flammarion Ed.
- THOMLINSON, R. (1967) — *Demographic Problems. Controversy over Population Control*. Belmont, California, Dickenson Publishing Company, Inc.
- THOMPSON, W. S. (1953) — *Population Problems*. New York, Toronto, London, Mc Graw-Hill Book Company, Inc.
- VEYRET, G. (s/d.) — *La Population*.
- VIALATOUX, J. (1957) — *Le Peuplement Humain*. Paris, Les Éditions Ouvrières.

RESUMO

Nesta comunicação, propõe o autor a denominação de "sobrepovoamento urbano" para os efeitos da migração de uma cidade para outra, ou seja, a migração de uma área urbana populosa para outra de menor expressão populacional. As pessoas que nela residem raramente se mudam. Depois de referir-se a estudos sobre as migrações e sobre o problema dos recursos das populações, o autor aborda as migrações em geral e, em particular, a migração urbana, com seus efeitos sobre os movimentos populacionais. Um levantamento foi feito a fim de analisar e relatar o caso do litoral norte do Estado de São Paulo. As conseqüências sobre a estrutura urbana são também consideradas.

SUMMARY

In this communication the author proposes to denominate *urban oversettlement* ("sobrepovoamento urbano") the effect of a city-to-city migration. It means a people migration from a populous urban area to another with less populational expression. People that live in it do not move from there. After to refer to studies about movements of people which concern to the population resources matter, the author considers migrations in general and interior urban migration in particular with its effects upon movements of people. A case was observed and is related at Litoral Norte do Estado de São Paulo through a survey. Consequences upon urban structure were also considered.